AS ESCREVIVÊNCIAS[1] DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Silvana Batista Sousa
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
silhisto@gmail.com
Sabrina Maria da Silva Novaes
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
sabrinasilvanovaes2000@gmail.com
Betânia Pereira Trindade
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
betaniatrindade1520@gmail.com

POLÍTICAS E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO E DE CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

Guanambi, 17 de julho de 2025

Caros(as) graduandos(as) do DEDC XII,

Viemos, por meio desta carta, dialogar sobre a contribuição da Iniciação Científica (IC) na formação inicial de professores a partir do relato das nossas experiências como parte do nosso percurso acadêmico. Ao compartilharmos nossas escrevivências, temos o intuito sincero de animá-los(as) e incentivá-los(as) nesta etapa que, embora pareça breve, é longa no que tange aos aprendizados e possibilidades.

É oportuno dizermos que, havíamos pensado na construção de um texto coletivo, que se materializou a partir desta escrita, durante a nossa viagem acadêmica à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para o trigésimo terceiro Simpósio Nacional de História que acontece de forma bianual pelas universidades do Brasil, promovido pela Associação Nacional

[1] Trata-se de um termo associado à escritora Conceição Evaristo. Para esta autora, o termo representa a escrita simbólica que entrelaça história, memória e experiência. A partir da vivência de uma coletividade, que no nosso caso corresponde a uma escrita coletiva mediante as vivências e experiência da Iniciação Científica. Fragmento feito com base no site: https://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo. Acesso em 12 ago. 2025.

de História (ANPUH), sendo um momento ímpar para nossa formação acadêmica e profissional ao conhecermos sobre as discussões latentes do campo historiográfico.

Durante nossa caminhada, enfrentamos desafios, incertezas e descobertas. No entanto, para além dos compromissos acadêmicos e das exigências da pesquisa, tivemos a alegria de construir vínculos que nos aproximam como colegas e pesquisadoras. E a partir desses "laços", do "nosso trio", como carinhosamente chamamos, nasceu o desejo de escrever esta carta a vocês.

Com esperança de que nossas palavras possam inspirar, acolher e, de alguma forma, incentivar cada estudante a vivenciar a pesquisa de maneira significativa, comprometida e ética, de modo que possa contribuir na formação acadêmica e para a construção de uma identidade docente pautada na atuação do(a) professor(a)-pesquisador(a), conforme propõe o projeto político do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XII.

Desde o preenchimento burocrático dos documentos do Sistema *Online* de Iniciação Científica (SONIC), as reuniões do grupo de estudo, as conversas pelo *WhatsApp*, as apresentações de trabalhos e as viagens proporcionadas por meio do programa, nos deram oportunidades de troca, reflexão e construção de saberes. No entanto, esse percurso foi marcado por desafios, sobretudo no que diz respeito ao processo de escrita e ao percurso metodológico. A escrita, por vezes, nos pedia silêncio, pausa e recomeço. A tecla *Backspace* era uma aliada para apagar as palavras, mas não as dúvidas. E, na tela em branco do notebook, parecia que nada se movia… nem o texto, nem o tempo.

Omitto (2022), em sua pesquisa com estudantes do Ensino Superior, orientada pela questão "Por que escrevo?" percebe a necessidade de refletir acerca da escrita nesta etapa, de modo que deve ser tratada como algo inerente à vida acadêmica. Entretanto, é preciso desconstruir a visão de que a escrita acadêmica é complexa e, por vezes, sem sentido e aterrorizante. Diante disso, surge a questão: o que pode ser feito para "descomplicar" esse processo e atribuir sentido e prazer?

Observamos algumas iniciativas no início do curso, mas, ao longo da formação, essa atenção tende a se tornar menos evidente. Percebemos que, nem todos os estudantes têm a oportunidade de participar de programas que incentivem e contribuam efetivamente para o

desenvolvimento da escrita acadêmica. Apesar da oferta de várias bolsas pelo *Campus* XII, cabe destacar que a UNEB é uma universidade popular, e grande parte dos estudantes também são trabalhadores, o que, muitas vezes, dificulta o desemparedamento das vivências universitárias, de modo que ficam restritas apenas a sala de aula.

Diante disso, reconhecemos o quanto foi significativo e enriquecedor termos atuado como bolsistas de IC, experiência que ampliou nossos horizontes formativos e fortaleceu nossa trajetória acadêmica. A participação no programa contribuiu com a partilha, troca de ideias, opiniões, da discussão de textos científicos e de processos metodológicos, além da correção pontual dos textos e análise de conceitos.

Durante os encontros mediados pela nossa orientadora, vivenciamos, à luz da perspectiva freireana, um movimento de ensinar e aprender a partir de um processo coletivo, dialético e contínuo. Compreendemos que a construção do conhecimento não ocorre isoladamente, mas se desenvolve a partir das experiências e saberes compartilhados. No que se refere à relação entre a IC e a formação docente, concordamos que "não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino" (Freire, 1996, p. 16), uma vez que, a partir desta indissociabilidade que vamos nos constituindo enquanto pedagogas pesquisadoras, a partir do ensinar e da problematização da realidade frente aos fenômenos educativos.

Percebemos que a escrita acadêmica construída durante a IC é permeada pelos atravessamentos da relação pesquisa-docência, bem como pela produção e socialização do conhecimento, a partir do qual desenvolvemos um olhar investigativo para a formação de uma postura crítica mediante a construção do projeto que desenvolvemos ao longo de doze meses. Assim, concordamos com Galeano (1984), ao afirmar que o desafio consiste justamente em viver o que se escreve, para que a nossa prática constitua o reflexo da nossa teoria.

É nesse processo que compreendemos o que Freire (1996) denomina de "curiosidade epistemológica", a capacidade de transformar a curiosidade ingênua em uma curiosidade crítica, alimentada pela dúvida. A IC, nesse sentido, nos ajudou a exercitar o processo investigativo desde a formação inicial. A curiosidade ingênua que tínhamos enquanto pesquisadoras foi, ao longo do percurso, sendo transformada em uma curiosidade crítica, que na elaboração do nosso relatório de pesquisa.

Da mesma forma, Oliveira e Fernandes (2018) destacam que a IC promove o desenvolvimento cognitivo e a maturidade no ambiente acadêmico, além de facilitar a conexão entre teoria e prática, por meio de um processo dialético em que o(a) graduando(a) se sente encorajado(a) a adotar uma abordagem investigativa frente aos desafios da educação.

Com isso, podemos encerrar esta carta convictas de que a IC é uma experiência transformadora, que nos ensina a investigar, a olhar para a educação com mais profundidade, sensibilidade e responsabilidade. Que cada estudante possa viver essa oportunidade com dedicação e curiosidade, além de permitir errar, recomeçar e aprender. No final das contas, o que perdura é a convicção de que a pesquisa é um ato de esperança e, nesse sentido, um compromisso com o futuro.

Com estima e incentivo,

Atenciosamente, Silvana, Betânia e Sabrina.

PALAVRAS-CHAVE: Experiências; Iniciação Científica; vivências.

REFERÊNCIAS

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf. Acesso em: 1 ago. 2025.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1984. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=KgXcDgAAQBAJ&pg=PA86&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=2#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 1 ago. 2025.

OLIVEIRA, Maísa Aparecida de; FERNANDES, Maria Cristina Silveira Galan. Contribuições, sentidos e desafios da Iniciação Científica para o processo formativo do estudante universitário. **Educação em Foco**, *[S. l.]*, v. 21, n. 35, p. 75–95, 2018. Disponível em: https://revista.uemg.br/educacaoemfoco/article/view/1352. Acesso em: 12 ago. 2025.

OMITTO, Melina Borges. Por que escrevo? os desafios da escrita acadêmica no ensino superior. São Paulo: **Linha Mestra**, n. 36, p. 393-401, jan. - abril, 2022. Disponível em: https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/search/search?query=&authors=Omitto&title=&abstract=&galleyFullText=&suppFiles=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateFromYear=&dateToMonth=&dateToDay=&dateToYear=&dateToHour=23&dateToMinute=59&dateToSecond=59&discipline=&subject=&type=&coverage=&indexTerms= . Acesso em: 25 jul 2025.